

A música no cotidiano de estudantes do ensino médio: transformações da escuta, consumo digital e implicações para a educação musical

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

João Rafael Pimentel Colavin
Universidade Estadual de Londrina
joacolavin.guitar@uel.br

Leandro Augusto dos Reis
Universidade Estadual de Londrina
ars_leandro@uel.br

Resumo. Este trabalho aborda as práticas de escuta musical de adolescentes do Ensino Médio em um contexto marcado pela mediação de smartphones e plataformas digitais de streaming. Tem como objetivo compreender como estudantes de uma escola pública de Londrina, Paraná, organizam sua escuta musical cotidiana, quais funções atribuem à música e quais implicações essas experiências apresentam para a educação musical escolar. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida como estudo de caso de abordagem qualitativa, com 27 estudantes do 2º ano do Ensino Médio. A produção dos dados envolveu observação sistemática das aulas de Mídias Digitais, registros em diário de campo, questionários escritos e entrevistas semiestruturadas em grupos. A análise articula referenciais da psicologia da música, da aprendizagem musical informal e dos estudos sobre mediações tecnológicas da escuta. Os resultados indicam que a música ocupa posição central nas rotinas dos participantes, acompanhando tarefas domésticas, trabalho, lazer e deslocamentos. Embora o entretenimento apareça como função recorrente, os relatos revelam dimensões relacionadas à regulação emocional, à concentração, à construção identitária e à organização da experiência cotidiana. Conclui-se que a educação musical escolar pode reconhecer essas práticas como ponto de partida pedagógico, promovendo escuta atenta, ampliação de repertórios e reflexão crítica sobre as mediações algorítmicas que atravessam o consumo musical contemporâneo.

Palavras-chave. Educação musical, Escuta musical, Adolescência, Educação pública, Aprendizagem informal.

Title. Music in the Everyday Lives of Upper Secondary School Students: Transformations in Listening, Digital Consumption and Implications for Music Education

Abstract. This paper addresses the musical listening practices of upper secondary students in a context shaped by smartphones and digital streaming platforms. It aims to understand how students from a state school in Londrina, Paraná, organise their everyday musical listening, what functions they attribute to music, and what implications these experiences have for school music education. The paper presents a section of a master's research project, developed as a qualitative case study with 27 students in the second year of upper secondary education. Data were produced through systematic observation of Digital Media classes, field diary records, written questionnaires and semi-structured group interviews.



The analysis draws on studies in the psychology of music, informal music learning and technological mediations of musical listening. The results indicate that music occupies a central position in the students' routines, accompanying domestic tasks, work, leisure and journeys. Although entertainment appears as a recurrent function, the accounts reveal broader dimensions related to emotional regulation, concentration, identity construction and the organisation of everyday experience. The paper concludes that school music education can recognise these practices as a pedagogical starting point, fostering attentive listening, the expansion of musical repertoires and critical reflection on the algorithmic mediations that shape contemporary music consumption.

Keywords. Music Education, Musical Listening, Adolescence, State Education, Informal Learning.

Introdução

A música ocupa um lugar central no cotidiano de muitos adolescentes. Ela acompanha deslocamentos, tarefas domésticas, momentos de trabalho, lazer e descanso, integrando-se às rotinas diárias de forma contínua e, muitas vezes, pouco refletida. Compreender como os adolescentes se relacionam com a música fora da escola - de que modo a escutam, quais funções lhe atribuem e quais tecnologias mediam essa experiência - constitui uma questão relevante para a pesquisa em educação musical, especialmente diante das transformações provocadas pelas plataformas digitais de streaming.

Estudos da psicologia social da música têm demonstrado que a experiência musical está profundamente relacionada aos contextos sociais em que ocorre, envolvendo processos de comunicação, construção identitária e regulação emocional (Hargreaves; North, 1997). Pesquisas sobre consumo musical juvenil indicam, ainda, que a música ocupa parcela significativa da vida cotidiana dos adolescentes e que sua escuta tende a ocorrer em contextos privados e individualizados (Zillmann; Gan, 1997). Paralelamente, pesquisas em educação musical têm chamado atenção para o fato de que grande parte do envolvimento dos adolescentes com a música se desenvolve fora dos espaços formais de ensino, por meio de práticas informais de escuta, compartilhamento e aprendizagem musical (Green, 2002).

Nas últimas décadas, essas práticas passaram a ser fortemente mediadas por smartphones e plataformas de streaming, ampliando o acesso à música e transformando as formas de consumo e circulação musical (De Marchi et al., 2021). Embora a centralidade da música na vida dos adolescentes seja amplamente reconhecida pela literatura, ainda são necessárias investigações que busquem compreender como essas experiências se configuram em contextos específicos e quais desafios e possibilidades elas apresentam para a educação musical escolar.



É nesse contexto que se situa a presente comunicação, que apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida com 27 estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Londrina, Paraná. O foco recai sobre o eixo de resultados denominado *Música no Cotidiano*, no qual os participantes descreveram sua relação pessoal com a música fora do contexto escolar. Busca-se compreender como essa escuta se organiza, quais significados assume na vida dos estudantes e quais implicações essas práticas podem trazer para a educação musical escolar.

A análise articula os dados empíricos a referenciais da psicologia da música (Hargreaves; North, 1997; Palheiros, 2006; Lehmann; Sloboda; Woody, 2007), da aprendizagem musical informal (Green, 2002) e dos estudos sobre mediações tecnológicas da escuta musical (Brainer; Auriani, 2018; De Marchi et al., 2021), dialogando diretamente com o eixo temático do XXXVI Congresso da ANPPOM, *Dimensões humanas, sociais e criativas da pesquisa em música em tempos de novas mediações tecnológicas*.

Referencial Teórico

Funções da música no cotidiano juvenil

A literatura da psicologia da música tem demonstrado que a experiência musical não pode ser compreendida apenas a partir das características sonoras das obras, mas também dos usos e significados que os indivíduos atribuem à música em seus contextos cotidianos (Hargreaves; North, 1997; Lehmann; Sloboda; Woody, 2007). Nessa perspectiva, a música desempenha diferentes funções na vida das pessoas, relacionadas à regulação emocional, evocação de memórias, construção de identidades e organização das atividades diárias.

Lehmann, Sloboda e Woody (2007) argumentam que a música deve ser compreendida a partir de uma perspectiva centrada nos indivíduos e em seus contextos de uso. Para os autores, nenhuma experiência musical ocorre desvinculada de propósitos específicos, de modo que ouvir música implica sempre atribuir significados e funções à escuta. Entre essas funções destacam-se a evocação de memórias, a modulação de estados emocionais, o relaxamento e a organização da experiência cotidiana.

No caso dos adolescentes, tais funções assumem especial relevância. As preferências musicais frequentemente atuam como marcadores de pertencimento social e elementos constitutivos da identidade juvenil (Lehmann; Sloboda; Woody, 2007). A música participa da construção de vínculos com grupos de referência, da diferenciação em relação a outros grupos

e da elaboração de sentidos sobre si mesmo, desempenhando papel importante nos processos de socialização característicos dessa fase da vida.

Palheiros (2006), ao investigar crianças e adolescentes portugueses e britânicos, identificou diferentes modos de escuta musical, que variam desde a audição em segundo plano até situações de atenção concentrada. A autora observou ainda uma diferença significativa entre os contextos doméstico e escolar: enquanto fora da escola predominam funções emocionais e sociais da música, no ambiente escolar tendem a prevalecer objetivos cognitivos e técnicos. Essa distinção constitui uma importante chave de leitura para compreender as relações que os estudantes estabelecem com a música em diferentes espaços de sua vida.

As discussões propostas por Green (2002) dialogam com esse cenário ao enfatizar que grande parte do envolvimento musical dos adolescentes se desenvolve em contextos informais de aprendizagem. Segundo a autora, a escuta frequente da música de sua preferência constitui uma prática central da enculturação musical, produzindo conhecimentos, referências e formas de participação musical que antecedem e, muitas vezes, escapam aos espaços formais de ensino.

No contexto brasileiro, Moura (2009) também identificou a forte presença da música no cotidiano juvenil, destacando sua importância para a construção de identidades, para a constituição de grupos de pertencimento e para as práticas de lazer. O autor argumenta que compreender as experiências musicais vividas pelos adolescentes é condição importante para aproximar a educação musical escolar de suas realidades culturais, reduzindo o distanciamento entre os conteúdos trabalhados na escola e os significados atribuídos à música pelos estudantes.

Streaming, algoritmos e mediações da escuta

Se a centralidade da música na vida dos adolescentes é amplamente reconhecida pela literatura, as formas contemporâneas de escuta passaram por transformações significativas nas últimas décadas. As plataformas de streaming tornaram-se um dos principais meios de acesso à música, ampliando a disponibilidade de repertórios e modificando as formas de descoberta, consumo e circulação musical.

De Marchi et al. (2021) utilizam a expressão "gosto algorítmico" para descrever o modo como sistemas de recomendação participam da organização da experiência musical dos usuários. A partir da análise contínua dos históricos de escuta, esses sistemas sugerem artistas, músicas e playlists personalizadas, influenciando os percursos de exploração musical realizados pelos ouvintes.



Segundo os autores, os algoritmos não atuam apenas como ferramentas neutras de organização da informação, mas como mediadores que participam da seleção e da circulação dos conteúdos musicais. Nesse processo, tendem a reforçar padrões já existentes de consumo, favorecendo determinadas trajetórias de escuta e reduzindo a exposição a repertórios menos compatíveis com os perfis previamente identificados.

Brainer e Auriani (2018) observam que essa lógica também afeta os processos de produção e circulação da música. Compreender as práticas musicais adolescentes na contemporaneidade implica, portanto, considerar não apenas as escolhas realizadas pelos indivíduos, mas também as mediações tecnológicas que participam da organização dessas experiências.

Para a educação musical, esse cenário suscita reflexões importantes acerca do papel da escola diante de formas de escuta cada vez mais mediadas por plataformas digitais. Mais do que ignorar essas práticas, torna-se relevante compreendê-las criticamente e considerar suas implicações para a formação musical dos estudantes.

Metodologia

A pesquisa que originou este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa (Yin, 2001), desenvolvido em uma escola pública de Ensino Médio participante do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, localizada em Londrina, Paraná. Os participantes foram 27 estudantes, com idades entre 15 e 18 anos do 2º ano do Ensino Médio e um professor licenciado em Música, que lecionava a disciplina de Mídias Digitais, na qual a unidade observada abordou conteúdos musicais.

A coleta de dados ocorreu ao longo de nove encontros, por meio de três procedimentos complementares: observação sistemática das aulas de Mídias Digitais e do ambiente escolar, com registros em diário de campo; questionários escritos aplicados aos estudantes; e entrevistas semiestruturadas em grupos organizados a partir de uma atividade de pesquisa proposta pelo professor, na qual os alunos deveriam pesquisar sobre gêneros musicais e seus principais expoentes. Os grupos foram: Grupo 1: Arrocha e Sertanejo; Grupo 2: MPB; Grupo 3: Samba e Bossa Nova; Grupo 4: Funk e MPB. Os estudantes foram identificados com pseudônimos de artistas musicais brasileiros para preservar o anonimato. Nesse trabalho, serão apresentados recortes das falas dos alunos Pablo, Maraísa e Gusttavo Lima, do Grupo 1; Nara Leão, João Bosco e Elis Regina, do Grupo 2; Benito di Paula e Gal Costa, do Grupo 3 e Lexa e Baby do Brasil, do Grupo 4. Alguns alunos responderam verbalmente, outros optaram por responder por



escrito na folha do questionário. Para identificar a forma como foram dadas as respostas, na frente do nome do participante foram colocadas as palavras “verbalizando” para respostas verbais e “escrito” para respostas escritas na folha do questionário.

O recorte aqui apresentado corresponde ao eixo de resultados *Música no Cotidiano*, que reúne dados produzidos por meio dos questionários escritos e das verbalizações dos estudantes durante as entrevistas, respondendo à pergunta: *Como é a sua relação pessoal com a música?*

Considerando os objetivos desta comunicação, a análise concentra-se nas formas de escuta relatadas pelos estudantes, nas funções atribuídas à música em seu cotidiano e nas mediações tecnológicas associadas a essas práticas. Os dados são discutidos à luz de referenciais da psicologia da música, da aprendizagem musical informal e dos estudos sobre plataformas digitais de streaming.

Resultados: a música no cotidiano dos estudantes

A música como presença contínua no cotidiano

A pergunta sobre a relação pessoal dos estudantes com a música produziu um conjunto de respostas marcadas por uma ideia recorrente: a música como presença constante nas atividades diárias.

[Pablo – G1 – Escrito]: Uso a música diariamente para realizar atividades cotidianas.

[Maraísa – G1 – Escrito]: A música tem uma relação muito grande no meu dia a dia, pois eu escuto ela fazendo tudo.

[Nara Leão – G2 – Escrito]: Eu ouço música o dia inteiro, principalmente quando estou fazendo as tarefas domésticas. Sempre coloco música pra fazer tudo.

[Elis Regina – G2 – Escrito]: Ah, música pra mim é tudo. Eu faço tudo ouvindo música.

[Benito di Paula – G3 – Verbalizando]: Ah professor, eu faço tudo ouvindo música, ouço música o dia inteiro, principalmente quando estou trabalhando ou em casa. Trabalho com o meu pai. Sempre tá rolando um pagodinho, um samba de fundo.

[Lexa – G4 – Escrito]: Escuto música o dia inteiro, menos quando estou na escola.

A recorrência de expressões como “faço tudo ouvindo música” e “escuto música o dia inteiro” sugere que a música não ocupa um lugar periférico na vida desses estudantes. Ela aparece integrada a diferentes atividades cotidianas, acompanhando tarefas domésticas, momentos de trabalho, deslocamentos e situações de lazer. Mais do que uma atividade

específica, a música parece constituir uma presença contínua que atravessa e acompanha as experiências diárias dos participantes.

Os relatos dialogam com as observações de Palheiros (2006), que identificou a escuta musical como uma das atividades mais frequentes no cotidiano de crianças e adolescentes. Ao investigar diferentes contextos de escuta, a autora observou que ouvir música como acompanhamento de outras atividades constitui uma prática recorrente fora da escola. Nos dados desta pesquisa, a música aparece justamente nessa condição: não como objeto exclusivo de atenção, mas como elemento que compõe o ambiente cotidiano dos estudantes.

A fala de Benito di Paula acrescenta uma dimensão para além das atividades domésticas, ao situar a escuta musical no contexto do trabalho familiar. Ao afirmar que “sempre tá rolando um pagodinho, um samba de fundo”, o estudante sugere que a música integra também processos de convivência e compartilhamento cultural entre gerações. Nesse caso, a escuta musical ultrapassa o âmbito individual e participa de experiências coletivas vividas no interior da família.

Outro aspecto relevante emerge da observação de Lexa, que afirma escutar música “o dia inteiro, menos quando está na escola”. Embora apresentada espontaneamente, a fala evidencia um contraste significativo entre a presença constante da música na vida cotidiana e sua ausência em grande parte do tempo escolar. Tal observação sugere uma possível dissociação entre as experiências musicais vividas pelos estudantes fora da escola e aquelas encontradas no ambiente educacional.

Sob a perspectiva de Green (2002), essa escuta cotidiana também pode ser compreendida como uma forma de aprendizagem musical informal. Ao escutar música continuamente, os adolescentes desenvolvem familiaridade com repertórios, estilos, convenções sonoras e referências culturais que passam a integrar sua experiência musical, independentemente de processos formais de ensino.

Quando “entretenimento” significa mais do que entretenimento

Quando questionados sobre a função da música em suas vidas, os estudantes recorreram inicialmente a respostas breves:

[Nara Leão – G2 - Verbalizando]: Ah, lazer.

[João Bosco – G2 – Verbalizando]: Só lazer.



Em um primeiro momento, tais respostas poderiam sugerir uma relação superficial com a música. Entretanto, os relatos produzidos ao longo das discussões revelam um quadro mais complexo. Ao descreverem sua relação pessoal com a música, os próprios estudantes atribuíram a ela funções que ultrapassam significativamente a ideia de entretenimento:

[Gusttavo Lima – G1 – Escrito]: A música me ajuda a focar e concentrar em alguns momentos e influencia a minha visão de sociedade.

[Gal Costa – G3 – Escrito]: Eu gosto muito, é uma coisa que me move e me ajuda muito em momentos difíceis e felizes da vida.

[Baby do Brasil – G4 – Escrito]: Eu tenho uma relação de apego com a música, escuto pra tudo.

Os relatos sugerem que o termo “entretenimento” funciona como uma categoria ampla utilizada pelos estudantes para nomear experiências diversas relacionadas à música. Nessa categoria parecem coexistir dimensões ligadas ao prazer, à companhia, à concentração, ao enfrentamento de dificuldades emocionais e à atribuição de significado às experiências cotidianas.

A fala de Gal Costa é particularmente ilustrativa nesse sentido. Ao afirmar que a música a acompanha tanto em “momentos difíceis” quanto em “momentos felizes”, a estudante sugere que a música não atua apenas como estratégia para lidar com emoções negativas, mas participa da experiência emocional de forma mais abrangente. Tal interpretação aproxima-se dos resultados encontrados por Palheiros (2006), para quem funções emocionais figuram entre os usos mais recorrentes da música no cotidiano juvenil.

Os dados também indicam que a música pode desempenhar funções relacionadas à organização da atenção e da atividade cotidiana. A fala de Gusttavo Lima evidencia esse aspecto ao associar a música à concentração e à reflexão sobre questões sociais. Nesses casos, a música deixa de ser apenas um elemento de entretenimento e passa a atuar como recurso mobilizado pelos estudantes para organizar experiências cognitivas e emocionais.

Escuta digital e mediações tecnológicas

Os relatos dos estudantes evidenciam que a escuta musical contemporânea ocorre em um contexto fortemente marcado pelas tecnologias digitais. Embora os participantes não tenham sido questionados especificamente sobre plataformas de streaming, suas falas descrevem uma experiência de escuta contínua, individualizada e integrada às rotinas cotidianas.



Nenhum estudante mencionou rádio, CDs ou outras mídias físicas como forma de acesso à música. Ao contrário, a naturalidade com que descrevem ouvir música durante praticamente todo o dia sugere uma experiência compatível com a ampla disseminação dos smartphones e dos serviços de streaming entre os jovens.

Esse cenário dialoga com observações realizadas por Zillmann e Gan (1997), que já identificavam a predominância da escuta musical em contextos privados entre adolescentes. Se, na década de 1990, essa experiência estava frequentemente associada ao quarto dos adolescentes e ao uso de aparelhos de som pessoais, hoje ela parece ser potencializada pela mobilidade proporcionada pelos *smartphones* e plataformas de *streaming*.

Nesse contexto, as plataformas de *streaming* constituem uma das principais infraestruturas contemporâneas de acesso à música. Conforme argumentam De Marchi et al. (2021), os sistemas de recomendação presentes nessas plataformas participam da organização da experiência musical ao sugerirem artistas, gêneros e *playlists* a partir dos históricos de escuta dos usuários. Embora os dados desta pesquisa não permitam afirmar diretamente como esses mecanismos influenciam as escolhas dos participantes, eles indicam um contexto de escuta intensamente mediado por tecnologias digitais.

Para a educação musical, esse cenário suscita reflexões importantes. Se a música ocupa um espaço tão significativo na vida dos estudantes, mas aparece pouco presente em suas experiências escolares, torna-se pertinente questionar de que maneira a escola tem dialogado com essas práticas. A observação de Lexa - “escuto música o dia inteiro, menos quando estou na escola” - sintetiza de forma emblemática essa tensão.

Em conjunto, os resultados sugerem que a música ocupa uma posição estruturante na experiência cotidiana dos estudantes investigados. Longe de se restringir ao entretenimento, ela aparece associada à organização das atividades diárias, à regulação emocional, à construção identitária e às formas contemporâneas de escuta mediadas por tecnologias digitais. Os dados indicam ainda que boa parte dessas experiências ocorre fora da escola, em contextos de escuta e aprendizagem informais que desempenham papel importante na formação musical dos adolescentes.

Implicações para a educação musical escolar

Os dados apresentados permitem articular três eixos de reflexão sobre as implicações das práticas de escuta dos adolescentes para a educação musical escolar.



O primeiro eixo refere-se à escuta como fundo sonoro e à educação da atenção. O modo predominante de escuta descrito pelos estudantes - música como acompanhamento de atividades cotidianas, sem atenção exclusivamente direcionada à audição - difere significativamente dos modos de escuta tradicionalmente cultivados pela educação musical escolar, que costumam pressupor concentração, análise e apreciação intencional. Palheiros (2006) já identificava essa tensão entre a audição casual predominante no cotidiano e a audição intencional promovida na escola. As formas contemporâneas de escuta musical, frequentemente mediadas por plataformas digitais, introduzem novas dinâmicas de consumo que tendem a privilegiar fluxos contínuos de reprodução, *playlists* personalizadas e escolhas rápidas entre repertórios disponíveis (De Marchi et al., 2021). Nesse contexto, desenvolver a capacidade de escuta atenta e sustentada não constitui apenas um objetivo específico da educação musical, mas uma competência cognitiva mais ampla, relacionada à atenção, à reflexão e à construção de significados.

O segundo eixo refere-se ao reconhecimento pedagógico das práticas musicais cotidianas dos estudantes. Os resultados revelam que os participantes chegam à escola com uma trajetória musical construída ao longo de anos de escuta intensa, cotidiana e afetivamente significativa. Reconhecer essa experiência como ponto de partida pedagógico - e não como um ruído de fundo a ser corrigido - aproxima-se da perspectiva defendida por Green (2002), para quem a escuta cotidiana e autodirigida constitui um componente fundamental da aprendizagem musical informal. A autora demonstra que grande parte do conhecimento musical desenvolvido por músicos populares emerge de práticas de escuta realizadas fora dos espaços formais de ensino, produzindo formas de aprendizagem frequentemente invisibilizadas pela escola.

Green (2002) adverte, contudo, que a incorporação das práticas musicais dos estudantes ao contexto escolar não deve ser confundida com a simples reprodução de seus repertórios preferidos. Alunos podem perceber determinadas apropriações escolares como invasões de seu território cultural, e as diferenças de gosto entre grupos podem gerar tensões. O desafio pedagógico consiste, portanto, em criar condições para que os estudantes trabalhem musicalmente a partir de repertórios com os quais possuem vínculos significativos, ampliando gradativamente suas possibilidades de escuta, compreensão e apreciação musical.

Além da dimensão cultural e identitária, os dados evidenciam a centralidade da dimensão afetiva nas relações que os estudantes estabelecem com a música. Relatos como os de Gal Costa ("é uma coisa que me move e me ajuda muito em momentos difíceis e felizes da vida") e Baby do Brasil ("eu tenho uma relação de apego com a música, escuto pra tudo")





revelam que a música desempenha papel importante na elaboração de experiências emocionais e na organização da vida cotidiana. Embora essa dimensão seja amplamente reconhecida pela literatura (Hargreaves; North, 1997; Lehmann; Sloboda; Woody, 2007; Palheiros, 2006), ela nem sempre ocupa posição central nas práticas de educação musical escolar, frequentemente orientadas para o desenvolvimento de competências técnicas e conhecimentos formais. Os dados sugerem que considerar as funções afetivas da música pode constituir um caminho relevante para aproximar as experiências musicais escolares das experiências vividas pelos estudantes fora da escola.

O terceiro eixo diz respeito às mediações tecnológicas da escuta e ao papel crítico da educação musical. Conforme discutido anteriormente, os estudantes investigados constroem grande parte de suas experiências musicais em ambientes digitais. Nesse contexto, os sistemas de recomendação presentes nas plataformas de streaming participam ativamente da organização dos repertórios disponíveis e das trajetórias de escuta dos usuários (De Marchi et al., 2021). Ainda que os dados desta pesquisa não permitam avaliar diretamente os efeitos dessas recomendações sobre as escolhas dos participantes, a literatura sugere que tais sistemas tendem a reforçar padrões previamente estabelecidos de consumo musical e a favorecer determinadas formas de circulação cultural (Brainer; Auriani, 2018).

Sob esse aspecto, é possível estabelecer um diálogo com as observações de Green (2002) acerca da aprendizagem musical informal. A autora já identificava a tendência dos adolescentes a ouvirem repetidamente músicas e artistas com os quais possuem maior familiaridade. Nas plataformas digitais contemporâneas, essa tendência passa a ser potencializada por mecanismos automatizados de recomendação que operam de forma pouco transparente para os usuários. O que antes dependia principalmente das redes sociais e culturais dos indivíduos passa a ser mediado também por sistemas algorítmicos que influenciam a circulação dos repertórios musicais.

Diante desse cenário, a escola pode constituir um espaço privilegiado de ampliação crítica das experiências musicais dos estudantes. Não se trata de rejeitar as tecnologias e o *streaming* nem de desconsiderar os repertórios que os adolescentes trazem consigo, mas de oferecer oportunidades de encontro com práticas, gêneros e formas de escuta que dificilmente emergiriam apenas dos circuitos cotidianos de recomendação. Green (2002) demonstrou que o envolvimento ativo com a música, mesmo quando iniciado a partir de repertórios familiares aos estudantes, pode favorecer a ampliação de horizontes musicais e a redução do sectarismo associado aos gostos musicais.





Os três eixos discutidos convergem para uma mesma direção: a escuta cotidiana dos adolescentes não constitui um elemento periférico para a educação musical, mas um aspecto central para a compreensão de suas experiências musicais contemporâneas. O desafio não consiste em escolher entre as práticas musicais cotidianas dos estudantes e os conhecimentos musicais sistematizados pela escola, mas em construir mediações pedagógicas capazes de colocar esses universos em diálogo, ampliando as possibilidades de escuta, compreensão e participação musical dos jovens.

Considerações finais

Este trabalho buscou compreender como adolescentes de uma escola pública se relacionam com a música em seu cotidiano e discutir suas implicações para a educação musical escolar. Os resultados indicam que a escuta dos participantes ocorre predominantemente em contextos cotidianos e extraescolares, integrada a atividades como trabalho, tarefas domésticas, deslocamentos e lazer.

Embora o entretenimento tenha sido a função mais mencionada, os relatos revelam experiências mais amplas, relacionadas à regulação emocional, à concentração, à construção identitária e à atribuição de sentidos às vivências cotidianas. Nessa perspectiva, a escuta contínua e autodirigida pode ser compreendida não apenas como consumo musical, mas também como forma de aprendizagem musical informal.

Conclui-se que a educação musical escolar pode reconhecer as experiências musicais que os jovens trazem consigo como ponto de partida para a construção musical, promovendo a ampliação crítica da escuta, o contato com diferentes repertórios e a reflexão sobre as mediações tecnológicas e algorítmicas que atravessam o consumo musical contemporâneo.

Referências

BRAINER, Adriano C.; AURIANI, Marcia. Big Data e a música: o impacto na criação e distribuição da indústria fonográfica baseado nas tendências tecnológicas. *Revista Belas Artes*, n. 28, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.belasartes.br/revistabelasartes/article/view/390/391>. Acesso em: 1 jun. 2026.



DE MARCHI, Leonardo; KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERREIRA, Gustavo; SALDANHA, Rafael Machado. O gosto algorítmico: a lógica dos sistemas de recomendação automática de música em serviços de streaming. *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*, v. 23, n. 3, p. 16-26, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22964/60748895>. Acesso em: 1 jun. 2026.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. Londres: Ashgate Publishing, 2002.

HARGREAVES, David; NORTH, Adrian (ed.). *The social psychology of music*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LEHMANN, Andreas C.; SLOBODA, John A.; WOODY, Robert H. *Psychology for musicians: understanding and acquiring the skills*. New York: Oxford University Press, 2007.

MOURA, Auro Sanson. *Música e construção de identidade na juventude: o jovem, suas músicas e relações sociais*. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

PALHEIROS, Graça Boal. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos. In: ILARI, Beatriz Senoi (org.). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música - da percepção à produção*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. p. 303–349.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZILLMANN, Dolf; GAN, Su-lin. Musical taste in adolescence. In: HARGREAVES, David; NORTH, Adrian (ed.). *The social psychology of music*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 161–187.

